

1 Texto apresentado no evento Resistir criando nas Universidades: dispositivos de formação e produção de subjetividade. Encontro do Grupo de Trabalho Subjetividade Contemporânea da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP), ocorrido nos dias 25 e 26 de abril de 2019 na PUCSP.

2 Peter Pál Pelbart é professor no Departamento de Filosofia e no Núcleo de Estudos da Subjetividade do Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.

## O mimimi como categoria biopolítica<sup>1</sup>

Peter Pál Pelbart<sup>2</sup>

Peço licença para começar essa minha intervenção com uma descrição feita por Nietzsche em seu texto *Schopenhauer educador*. Pode parecer pedante, mas não conseguiria, hoje, começar por outro lugar. Ao deplorar a situação do ensino no seu tempo, caracterizada pela fabricação em série de mediocridade, Nietzsche elenca suas características: pressa, busca de lucro, subserviência ao Estado, espírito de rebanho, ilusão de uma ciência pura e neutra, especialização extrema. Conclusão: o rebaixamento do valor atribuído à existência. É a vida que está aí ausente. Não a vida em geral, mas esta e aquela vida singular, que não cabe a nenhum outro viver, e cujo teor é inantecipável. É ela que está ameaçada. Mas ameaçada como potencialidade, como promessa, como futuro. É isto que cabe ao educador resguardar, ou almejar. Infinitamente, acima de cada um para um feixe que cabe ao educador ajudar a acessar: *"teus educadores, resume o filósofo, não podem ser outra coisa que não teus libertadores."* A emancipação vital é uma tarefa de formação, diz Nietzsche. Mas para onde? Justamente, não há como saber de antemão. *"Um homem jamais se eleva tão alto do que quando ignora para onde seu caminho ainda pode levá-lo"*. Cada um tem o trajeto que apenas a ele pertence, e que cabe a ele descobrir, cultivar, seguir. Só assim é possível dar à existência um novo valor, dar a cada coisa um novo peso. Isto é, avaliar diferentemente cada elemento que compõe uma vida.

Chego aqui ao meu primeiro ponto, após esse preâmbulo mais genérico – a questão da avaliação. Não me refiro a esta avaliação que sofremos em nossa vida universitária cotidiana, do Lattes ao Sucupira, instrumentos de pressão, controle, monitoramento, para não dizer extorsão, produção de insegurança e servidão voluntária. Mas aquela outra avaliação, que constitui um dos eixos centrais do pensamento da transvaloração. Eu resumo em duas palavras. Nietzsche não para de falar em valores. E a primeira frase de Deleuze em seu estudo sobre Nietzsche é que foi ele quem introduziu na filosofia a noção de valor. Mas o que é um valor? É aquilo a que atribuímos uma importância, uma relevância, uma preferência, uma primazia. Sempre priorizamos certas coisas em detrimento de outras. Por exemplo, para nós, o dinheiro é um valor, e é mesmo aquilo que determina o valor de tudo. Para os Yanomami, o dinheiro não tem relevância nenhuma. Para eles, os xapiris são essenciais, quase tudo depende deles. Duas escalas de valor diferentes. Se é o dinheiro que fixa o valor das coisas, ele determina o valor da terra, da comida, do cocar, do espírito, da linguagem, da comunidade. Se o dinheiro não existe, e os xapiris são essenciais, o que mais importa é o trânsito constante com o invisível, com as energias do cosmos, com o céu, a terra, o corpo, os mortos – e cada um desses elementos tem um sentido para nós desconhecido. São obviedades. Mas o que é menos óbvio é aquilo que precede o valor, estipulando-o, isto é, a ação de avaliação, o gesto de dizer *"isto importa, aquilo não, isto vale mais do que aquilo"*. O homem é o animal avaliador por excelência, ele sempre põe tudo na balança, e estabelece o valor de uma coisa em relação à outra, instaurando hierarquias. Mas falta o último elo, nesse método dito genealógico. O que faz com que tal avaliação ocorra, e não outra? É um tipo de vida, uma certa configuração vital. Então,

trata-se de remeter o valor à avaliação, e a avaliação a um tipo de vida. Qual tipo de vida foi preciso para defender-se ou alastrar seu domínio, de tal ou qual avaliação, e que se cristalizou em tais valores e não outros? Uma vida monástica ou franciscana avalia diferentemente a importância dos bens terrenos, e as modalidades de seu desfrute, do que o capitalismo, claro. E os ameríndios davam à guerra um sentido distinto do que as potências coloniais – de troca, não de destruição. E o cristianismo é o contrário de uma cultura dionisíaca. E o empreendedorismo neoliberal é todo o contrário da disciplina fordista. E Deligny com os autistas está na contramão das instituições totais, pois outras coisas são valorizadas, modos de existência, e não de adaptação.

Então já podemos dar um salto. A transvaloração de todos os valores, eixo central da filosofia nietzschiana, não significa apenas colocar um valor no lugar de outro – por exemplo, ao invés do Bem platônico, o Progresso moderno –, mas mexer no modo de avaliar e instaurar valores, ou, para dizê-lo em termos mais técnicos ou quase marxistas, mudar o modo de produção de valores... O mais importante seria mudar a relação da vida com os valores que ela mesma cria. Será uma relação de submissão, de subserviência, de sacralização? Ou de incessante recriação, de profanação?

Já consigo dizer duas palavras sobre o ensino segundo essa perspectiva. Segundo Nietzsche, seria preciso que o ensino se desatrelasse de tudo o que o macula, a saber, o Estado, a busca do lucro, a gregariedade (o espírito de rebanho, isto é, o consenso), o egoísmo, o jornalismo (sim, ele diz isso: o jornalismo como o veneno de nosso tempo!), o culto da ciência e de seu progresso, o servilismo às castas, opiniões, igrejas, ou seja, seria preciso que o ensino deixasse de querer nos entupir com tudo como se tudo fosse igualmente relevante, isto é, equivalente, de modo que tudo valeria a mesma coisa: nada. Pois quando tudo se equivale, nada vale, e nada vale a pena. É a indiferenciação generalizada a que se chama niilismo. Mas no fundo desse estado de esterilidade, há algo que clama. Diz ele: *"Todos os agenciamentos do homem não estão ordenados para que numa distração constante dos pensamentos a vida não seja sentida?"*. E, ainda é o período schopenhaueriano, ele agrega: por que ele, Schopenhauer, quer tanto o contrário, isto é, sentir a vida, isto é, sofrer a vida? Porque haveria aí uma relação entre sentir e padecer, não num sentido masoquista, mas naquilo que constitui a dimensão trágica em Nietzsche, a saber, extrair do sofrimento um *plus* de vitalidade, afirmar também a dor como parte da vida. Máquinas tilintantes de pensar e calcular, eis o que causa horror a Nietzsche, ou todos os mecanismos de evitamento do sentir e do pensar. Não se trata de um humanismo empoeirado, mas algo mais próximo, talvez, do que Pessoa chamava de sensacionismo, a priorização da sensação, e da expressão mais pura de cada sensação, e da cadeia de sensações dali derivadas, sempre a partir de um sentir elementar. Como remover o entulho dos pensamentos alheios e caducos que obstruem o acesso a isso? O que pede passagem para Nietzsche é algo desconhecido e perigoso, pois implica uma reviravolta. Ai do pensamento que não aflige ninguém, que não assusta ninguém, que é inofensivo... Outro dia um amigo perguntou, num debate: o que será que faz com que sejamos tão inofensivos? A verdade

é que, hoje, estamos mergulhados até o pescoço em valores caducos, resultantes de modalidades de avaliação que visam apenas conservar o mais rasteiro e estéril, ou o utilitário e o lucrativo. Por trás do que é a vida bárbara que se quer impor e expandir, há o homem do ressentimento, da vingança, da destruição, da ojeriza ao pensamento, da recusa da sutileza, da negação da alteridade, do esmagamento da vida, pois tudo isso, afinal, como disse o outro, não passa de mimimi. *"No dia 8 de março de 2017, o então deputado Jair Bolsonaro gravou o seguinte comentário para o Dia da Mulher: 'Parabéns a todas as mulheres do Brasil, porque eu defendo a posse de armas de fogo para todos. Inclusive vocês, obviamente, as mulheres. Nós temos de acabar com o 'mimimi'. Acabar com essa história de feminicídio, que, daí, com arma na cintura, vai ter é homicídio'".*<sup>3</sup> Eis o resultado: um aumento estarrecedor dos casos de feminicídio em São Paulo. No primeiro bimestre de 2019, em relação ao mesmo período de 2018, dobrou o número de casos de feminicídio. Uma morte a cada quatro horas. *"Mimimi"*, diz uma articulista, *"é o jeito de desqualificar o sofrimento de mulheres, negros, indígenas, transexuais e pobres."* Mas o mimimi é mais amplo: é também o que costumávamos chamar de cultura, de sensibilidade ao sofrimento e à dor alheia, de acolhimento ao inexprimível e ao desconhecido, de coexistência com as múltiplas esferas do cosmos, de criatividade dissociada dos interesses do Estado, de invenção de novas relações amorosas, de aspiração a certa altura da vida, de anseio de tocar suas notas mais altas e desconhecidas, atingir suas intensidades inéditas, individual e coletivamente, ensejar espaços públicos em que essa abertura pudesse se sustentar. O mimimi é a expressão da desqualificação disso tudo, a arma neofascista pós-moderna na guerra contra o tal do suposto marxismo cultural, o fantasma que assombra os sucessivos ministros da educação bolsonaristas e os admiradores do autoproclamado filósofo Olavo de Carvalho, que não faz outra coisa do que achincalhar a universidade brasileira.

Uma palavrinha sobre a academia, longe dessa polêmica diversionista. Admiro os que, para pensar, para sentir, para atuar, prescindem ou prescindiram dela (Deligny, Guattari, Kopenawa, Lula, Lancetti). Quis minha inclinação pela filosofia que o ensino tenha me chamado, também a escrita, também a fala. No entanto, não consigo exercê-los sem a suspeita de certa impostura, de que uso um monte de truques, de mágicas, e que um dia alguém vai descobrir e minha reputação será arrastada na lama. Tenho o sentimento, sempre, de carregar uma dimensão de teatro ou de performance que não deveria ser levada adiante sem pelo menos deixar entrevê-la, sem rir disso não apenas no meu canto, mas em público, sem admitir que tem nisso uma boa dose de ficção, de fabulação, de delírio, de aventura vital, tudo isso que me libera dessa expressão que sempre me provoca arrepio, a tal da produção de conhecimento. Nunca entendi o que isso significa, e continuo não entendendo. Reconheço que sempre vi a universidade como um mastodonte caquético tentando sobreviver a todo custo num mundo que obedece a outros interesses, que tem sua velocidade única, e tudo o que restou à universidade foi adaptar-se aos tempos com estratégias os mais escusos, do marketing à avaliação incessante da produção, passando pelo encurtamento insano do tempo de um mestrado, ensejando os

piores cacoetes e as igrejinhas codificadas, com suas repetições insuportáveis, mimetismos abjetos, toda uma máquina tilintante de pensar e sentir, cada vez mais distante daquilo que Nietzsche via como a tarefa do pensamento. Não foi por outra razão que ele abandonou sua cátedra na Basileia e passou dez anos de pensão em pensão, como um pássaro migratório sempre à busca do melhor clima, da melhor luz, das condições ótimas para fazer seus voos. Quanto a nós, só é possível continuar nesta universidade com alguma dose de dissimulação institucional, e com a certeza de carregar em segredo um cinturão de explosivos ou fogos de artifício. Não consigo admitir uma teorização, por mais rigorosa e detida e cuidadosa que seja – e assim deve ser – que não traga ao mesmo tempo uma reviravolta pragmática, uma transvaloração dos valores, uma transformação de si ou do que está ao nosso alcance, uma dinamitagem de tudo o que nos coage por fora ou por dentro – e só nessas condições, ainda que clandestinas porém públicas, é possível continuar tramando academia e transformá-la numa plataforma viva. Não necessariamente isso precisa ser feito de modo retumbante, pode ser, como diz Nietzsche, a passos de pomba, de modo rouco ou gaguejante, imperceptível e o mais discreto possível. Talvez por nunca ter tido total confiança de que isso era mesmo possível, precisei por décadas inventar vidas paralelas, fazer teatro com os s, por exemplo, para compensar os rigores do claustro que não atingiam, nem de longe, a altura necessária. Precisei de um campo concreto, uma espécie de laboratório biopolítico, onde pudesse exercer esse ofício outro, que tem a ver com cuidado, colapso, acolhimento, transformação do abissal em fulguração, do desmoronamento em irradiação – um pouco de loucura. Precisei experimentar o que Souriau chama de diferentes modos de existência. Sim, outros planos, virtuais, metamórficos, solicitudinários, onde existir é fazer existir existências mínimas, todas essas rachaduras minúsculas por onde se esboçam outros mundos, onde obra e desobrimento fossem uma e única coisa. Precisei desfrutar da liberdade de inventar coletivamente novos dispositivos e com isso novos afetos, calcados nos delírios e nas associações e dissociações que atravessam uma tal grupalidade.

Mas sempre achei que aquele espaço, doidíssimo, doidíssimo, diadoríssimo, também tinha a virtude de enviar signos de que é possível ainda, do que é ainda possível. Tenho sentido cada vez mais isso, também desde que nossa editora ganhou corpo, mas sobretudo desde o golpe de 2016 – que, como viajantes perdidos na noite, precisamos que alguém, mesmo ao longe, acenda uma vela, uma fogueira, uma lanterna, um holofote, ou que ofereça a palma da mão para um vagalume, já isto basta para que a gente seja salvo da absoluta solidão do naufrágio, e sinta que há algum aliado vivo em algum lugar próximo ou longínquo respirando ao mesmo tempo que nós, e pensando, e sentindo, e que talvez elas e eles sejam muitos, espalhados por aí, e uma mínima cintilação basta para compor uma constelação mínima, ou uma rede, ou um enxame... Uma tese, um livro, uma revista pode ser isso, uma pesquisa pode ser isso, uma apresentação pode ser isso, um cuidado pode ser isso, uma reunião como essa pode ser isso. Não basta, pois, clicar um botão para que esse sinal seja acionado, é preciso que sejam signos vitais, no encontro dos corpos... Franco Berardi, amigo e discípulo de Guattari, num livro recente publicado entre nós, distingue conjunção e conexão. A conjunção é uma relação que implica uma carnalidade, no encontro entre corpos imperfeitos, com cheiro, pelos, rugosidades, particularidades.

4 Berardi, F, *Depois do futuro*. São Paulo: Ubu, 2019, p. 164.

5 Ibidem.

Em contrapartida, a conexão é virtual, depende de códigos compatíveis, depurados de toda singularidade, na assepsia das telinhas pretas. Em suma: na conjunção há um devir-outro, na conexão cada elemento permanece distinto, embora funcionalmente interativo. Berardi atribui à psicofera e à prevalência da conexão a redução dramática da empatia e da sensibilidade. Os *“redutores de complexidade como dinheiro, a informação, o estereótipo ou as interfaces da rede digital simplificaram a relação com o outro, mas, quando o outro surge em carne e osso, não toleramos sua presença, porque ela se choca com a nossa (in)sensibilidade”*.<sup>4</sup> E conclui:

*A passagem da concatenação conjuntiva à concatenação conectiva comporta uma crise da transmissão da hereditariedade cultural e política do século XX às gerações que se formam em um ambiente tecnológico e comunicativo completamente transformado. Na experiência didática, como na política hoje, começamos a nos dar conta da dificuldade crescente de transmitir valores éticos e políticos à primeira geração conectiva.*<sup>5</sup>

Não sei se ele tem razão em tudo isso, em todo caso precisamos muito de dispositivos conjuntivos... E o legado dos pensadores que amamos carrega a dimensão afetiva, intensiva, singular e coletiva, cartográfica, como uma condição para qualquer experimentação dessa ordem, para não dizer, para qualquer experiência *tout court*.

Duas palavrinhas finais sobre a universidade. Apesar das minhas críticas, devo dizer, com os trinta anos de dedicação a ela, que o fiz amorosamente. Seria injusto e politicamente equivocado falar de A Universidade como entidade abstrata e total. Como tantas instituições, também ela é um composto de linhas muito diversas, de vetores múltiplos; há nela nichos os mais surpreendentes, articulações, linhas de fuga. Uma aula ou um grupo ou uma modalidade de formação podem ser um espaço de encontro e de invenção maravilhosos, fecundos, a partir dos quais muitas vidas bifurcam – e a minha própria bifurcou neste meio. Por conseguinte, reconhecendo-lhe todas as falhas, ainda assim é preciso defendê-la e nela defender o que há de chance, de experimentação, de fabricação... Não podemos deixar que a burocracia institucional e seus mecanismos de precarização neoliberal esmaguem o que ela ainda carrega de possibilidade. Retenho de Foucault essa ideia simples de que o poder, ou a governamentalidade, age não tanto na base do comando vertical e despótico, mas do monitoramento do meio, não necessariamente fixando o que se deve fazer e o que não se pode (embora também isso esteja presente, e quanto!!), mas estabelecendo o campo das possibilidades, a latitude das condutas. Trata-se da ação sobre ação, ou da interferência na margem de manobra, na delimitação do que é possível e do que é impensável, restringindo-nos ao que nos aparece como possível.

Mas é justamente essa fronteira que nos cabe deslocar, entre o possível e o impossível. Destampar a imaginação política é sempre transgredir o que até então nos pareceu possível e o que nos soava como impossível ou impensável. Defender a universidade é defender tal deslocamento, saber que a cada dia, hora, encontro, aula, evento, supervisão, essa fronteira pode ser redesenhada, um possível novo pode despontar sem garantia alguma de que isso se preserve. O que nos foi sequestrado por todo lado é a dimensão

da possibilidade. Portanto, há sim um trabalho a ser feito sobre o "meio", a "atmosfera", para além das lutas em torno do regimento, do estatuto, das normas, da validação de tal ou qual atividade, das agências de fomento... E ocorre algo curioso, pelo menos nesta universidade. No ano passado, foi proposto pelo Cardeal, grão-chanceler da PUC-SP, um novo estatuto, que abolia as eleições em todos os níveis, inclusive a para reitor, de modo que as instâncias deliberativas passariam a ser consultivas, isso quando fossem mantidas, acabando com a já combatida democracia interna. Naquele dia eu decidi que não ficaria caso o estatuto fosse mesmo implantado. Já pensando nas alternativas de vida que me restavam nesta idade, vendo-me na rua, quase com certo alívio, finalmente um professor nômade, livre do Lattes, do Sucupira, da assinatura de ponto, mas também sem seguro saúde e sem salário fixo, naquele momento fomos todos atropelados pela reviravolta política no âmbito nacional. Entrementes, a comunidade puquiense se mobilizou e conseguiu a tempo, antes do estreito *deadline* proposto pelo Cardeal, elaborar uma contraproposta de reforma do estatuto que preservasse a autonomia e a democracia internas. O que em parte parece ter sido aceito pelo Conselho dos Bispos que dirige os destinos da Fundação e da Universidade. Ora, diante do tsunami político que atravessara o país, subitamente a PUC-SP ressurgiu como um oásis, o que só dá a medida do desastre do entorno.

Sim, a PUC-SP, com sua tradição de resistência e combatividade, despontava subitamente como um espaço relativamente protegido contra a barbárie. De pronto a nossa universidade me apareceu como abrigo institucional para batalhas por vir, inclusive diante dos ataques inevitáveis do tresloucado Ministério da Educação. Se meu impulso primeiro à mudança do estatuto foi o de fugir do autoritarismo interno, quando as notícias do resultado das urnas começavam a chegar, ficou patente a necessidade de fazer valer a resistência interna contra as ameaças externas. Por um átimo me veio o rompante estapafúrdio: não fugir da cruz, mas me esconder debaixo da batina do cardeal. Para um judeu como eu, esse movimento é duplamente surreal. Mas compreensível, já que a tradição diaspórica nos ensinou a jamais perder de vista o inimigo maior. Então, defender a universidade nesse momento de agonia nacional é crucial, desde que na universidade se defenda com unhas e dentes um campo de possibilidades, uma atmosfera, um meio, uma vitalidade para a qual nos cabe colaborar, na medida de nossas forças, contra a corrosão provocada pela disseminação da subcultura do mimimi. Se não me engano, é o que nos une aqui.

Penso não estar trazendo nada de novo que todos já não estejam carecas de saber. Ao menos isto, então: persistir, emitir uma faísca, lançar um signo vital.